



17

# *APONTAMENTOS*

*de Arqueologia e Património*

ISSN: 2183-0924

MAI 2023

**NIA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA

# ***A**PONTAMENTOS*

*de Arqueologia e Património*

17

MAIO

2023

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

**Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Maio de 2023**

Volume: **17**

Capa: Intervenção na “casa” da Senhora da Alegria

(Foto de Miguel Lago)

Director: **António Carlos Valera**

**ISSN: 2183-0924**

Contactos e envio de originais:

[antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt)

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



## ÍNDICE

|                 |    |
|-----------------|----|
| EDITORIAL ..... | 07 |
|-----------------|----|

|                                                                                                                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| António Carlos Valera, Rui Ramos, Tiago do Pereiro<br>UMA “CASA” SUB-RECTANGULAR EM CONTEXTO DO<br>NEOLÍTICO FINAL NA SENHORA DA ALEGRIA<br>(ALMALAGUÊS, COIMBRA) ..... | 09 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

|                                                                                                                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Ana Rosa<br>RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS<br>REALIZADOS NO ÂMBITO DE UM PROJECTO DE<br>MODIFICAÇÃO DE LINHA AÉREA NA HERDADE<br>DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ,<br>ÉVORA) ..... | 21 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Márquez-Romero, J.E.; Caro-Herrero, J.L., Suárez-Padilla, J.;<br>Mata-Vivar, E.; Milesi-García, L.; Jiménez-Jáimez V.; Cuevas-<br>Albadalejo, P.; Costa, C.<br>ARCHAEOLOGICAL ACTIVITIES CARRIED OUT BY<br>THE UNIVERSITY OF MALAGA (2008-2016) AT<br>THE PERDIGÕES ARCHAEOLOGICAL COMPLEX<br>(REGUENGOS DE MONSARAZ. PORTUGAL):<br>FINAL CONSIDERATIONS ..... | 27 |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

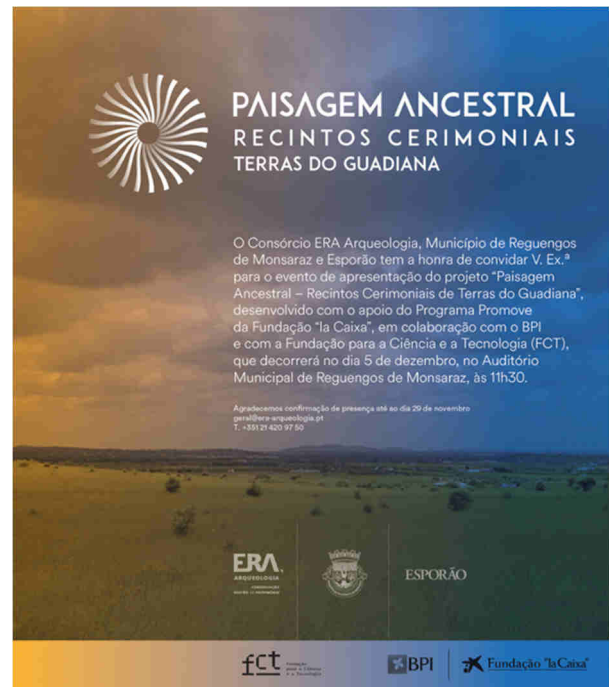
|                                                                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Anabela Sá, Inês Mendes da Silva<br>EVOLUÇÃO DO EDIFICADO NO PALÁCIO<br>VAZ DE CARVALHO: CONTRIBUTO DA<br>ARQUEOLOGIA ..... | 37 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

|                                                                                                                                                                     |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Ana Rita Silva, Tiago Nunes, Inês Mendes da Silva<br>O CASO DA RUA DE SÃO TOMÉ, 76.<br>CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO<br>URBANA DE LISBOA (XI – XXI). .... | 49 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

|                                                                                                   |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| João Miguez, Filipe Santos Oliveira<br>ANTÓNIO DA GAMA PEREIRA<br>- UMA ANOTAÇÃO BIOGRÁFICA ..... | 57 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

|                                                                                                                                                         |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Pedro Abade, Sofia Nogueira, Lucy S. Evangelista,<br>Camila Lacueva, Diana Dinis<br>UM CEMITÉRIO MODERNO NA TRAVESSA<br>DE SANTA QUITÉRIA, LISBOA ..... | 63 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

|                                                                                                       |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Hugo Bernardo Barreiros<br>O MITO, IMANÊNCIA DAS IMAGENS.<br>(ÍDOLOS, PETRÓGLIFOS E SIMULACROS) ..... | 75 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|



## EDITORIAL

### *Projecto Recintos Cerimoniais*

*Património é hoje um agente social, cultural e económico fundamental para um desenvolvimento sustentável. No caso do património arqueológico, a relação com o turismo e indústrias criativas permite aumentar a oferta de programas culturais atractivos e diversificados, podendo ser um estímulo à complementaridade e às parcerias em rede, mediante a combinação de várias ofertas regionais. Uma lógica que é particularmente relevante nos territórios do interior, como alternativa ao modelo de sol e praia.*

*Mas sendo a cultura um factor competitivo cada vez mais importante, existe um vasto potencial desaproveitado no que respeita ao património arqueológico. No interior alentejano, os recintos de fossos pré-históricos são disso um exemplo gritante. Em grande medida desconhecidos do grande público, e sendo um património ameaçado pelos impactos negativos da crescente agricultura intensiva, constituem um conjunto patrimonial de grande relevância científica e cultural.*

*A sua activação social em rede com outras valências regionais é o objecto central de um novo projecto da ERA Arqueologia, em consórcio com o Esporão SA. e Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, e financiado pelo programa PROMOVE da Fundação La Caixa. Visa potenciar o significativo trabalho de inventariação e investigação que temos vindo a realizar na região sobre os recintos de fossos pré-históricos, utilizando como âncora regional o recinto dos Perdígões, recentemente classificado como Monumento Nacional.*

*António Carlos Valera*

# O CASO DA RUA DE SÃO TOMÉ, 76. CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO URBANA DE LISBOA (XI – XXI).

Ana Rita Silva<sup>1</sup>  
Tiago Nunes<sup>1</sup>  
Inês Mendes da Silva<sup>1</sup>

## **Resumo:**

O antigo palácio dos Condes de Murça, localizado entre a Rua de São Tomé, 76 e Beco do Maldonado, 2, foi objeto de diversos trabalhos arqueológicos que permitiram registar uma diacronia de ocupação entre os séc. XI / XII e a atualidade. Os resultados da intervenção arqueológica são mais uma peça do puzzle fundamental para o conhecimento desta zona de Lisboa entre os períodos medieval e contemporâneo.

## **Abstract:**

### **The case of the 76 São Tomé street. Contribution to the history of urban development of Lisbon (XI – XXI)**

The ancient palace of Condes de Murça, located between the São Tomé Street, 76 and Maldonado Alley, 2, was object of several archaeological works that allowed to record a diachronic occupation between the séc. XI/XII and the actuality. The results of archaeological interventions are one more essential puzzle piece to the knowledge of this area of Lisbon between the medieval and contemporary period.

## **1. Enquadramento e contextualização histórica**

O antigo palácio dos Condes de Murça encontra-se localizado próximo do Castelo de São Jorge, nos arredores da Cerca Moura da cidade, frente ao Miradouro das Portas do Sol, pertencendo à freguesia de Santa Maria Maior, Lisboa.

No âmbito da reconversão do edifício a uma unidade hoteleira - considerando que o mesmo se encontra na ZEP do Castelo de São Jorge e resto das cercas de Lisboa (Decreto 16-06-1910, DG, nº136, de 23-06-1910), do Palácio de Belmonte e Pátio do Fradique (Decreto nº5/2002, DR, I Série-B, nº42, de 19-02-2002) e em nível II de PDM – foram realizados pela equipa da Era Arqueologia um conjunto de trabalhos arqueológicos, nomeadamente, escavação arqueológica, diagnóstico parietal e acompanhamento arqueológico da empreitada.

Considerando a proximidade ao Castelo, embora já se encontre no arrabalde do mesmo, toda esta área seria urbanizada desde cedo. Da ocupação islâmica destacam-se os diversos silos identificados na encosta do Castelo, nomeadamente na FRESS (Fundação Ricardo Espírito Santo) (Gomes, 2001:105) e ainda a própria área residencial identificada no interior do Castelo.

Se, por um lado, a urbanização deste espaço se encontra comprovada no registo arqueológico para o período islâmico, por outro, com base em dados documentais, e conforme Manuel Fialho Silva refere, é durante o séc. XII / XIII que se assiste a um maior crescimento urbano desta área do arrabalde oriental (Silva, 2017:475).

Refira-se que apesar desta área se encontrar fora da cerca moura de Lisboa, portanto, fora da área muralhada da cidade, com a construção da muralha Fernandina, nos finais do séc. XIV, integra já o interior amuralhado.

---

<sup>1</sup>ERA-Arqueologia S.A..



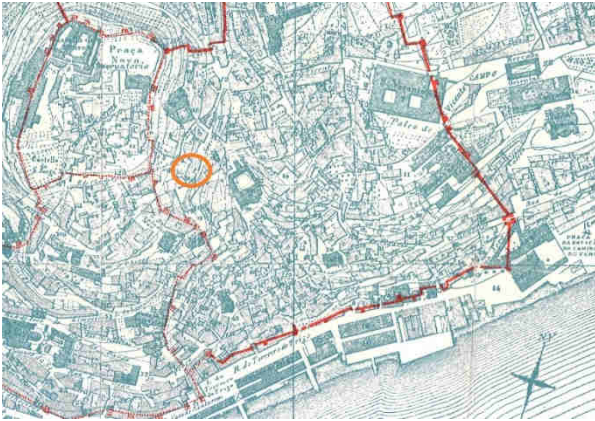


Figura 1 – Localização da área de intervenção (a laranja) no interior da muralha fernandina, num excerto da planta de Vieira da Silva (Silva, 1987).

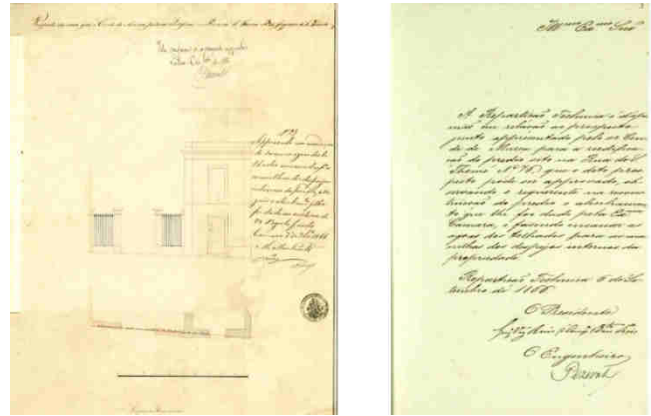


Figura 3 – Projeto de entrada do edifício e Prospeto (Arquivo Municipal de Lisboa).

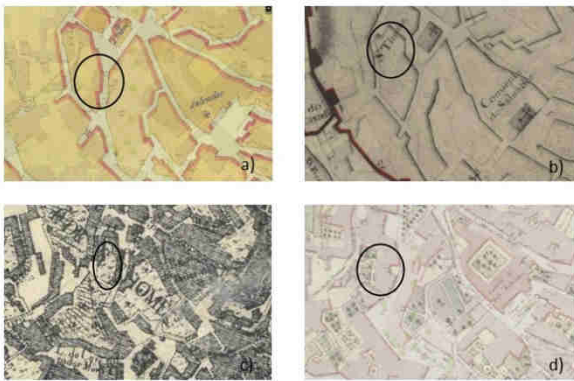


Figura 2 – Análise comparativa da cartografia histórica na área de intervenção a) Planta de Tinoco (1650); b) Planta de Guilherme de Menezes (1761); c) Planta de Duarte Fava (1807) e d) Planta de Filipe Folque (1856-58).

Da análise da cartografia histórica, é possível observar a presença de um quarteirão edificado em todas as plantas desde 1650 (Tinoco), o que remete para a intensa urbanização desta zona da cidade desde os seus primórdios.

Na planta do Duarte Fava (Figura 2c) é possível observar o mesmo quarteirão, integrando uma área ajardinada que também é verificável na própria planta de Filipe Folque (Figura 2d) (1856/1858), embora com visíveis alterações. Nesta última (Figura 2d), é possível verificar que os limites do quarteirão se encontram com uma configuração praticamente igual à atual, observando-se já o volume dos edifícios aqui em estudo.

Sabe-se que o edifício do séc. XIX terá sido mandado reedificar pelo Conde de Murça em 1866, conforme consta na informação de um prospeto identificado no Arquivo Municipal de Lisboa. É ainda possível observar que, relacionado com este prospeto, se encontra associada uma planta com a entrada do edifício, sendo que a mesma não se alterou até ao presente. De destacar que esta documentação se refere a uma reedificação, o que indicia a presença de um edifício, ou vários, neste local.



Figura 4 – Fotografia de 1908 (Arquivo Municipal de Lisboa).

O edifício pertenceu aos Condes de Murça e depois, por casamento, aos condes do Arnoso, nomeadamente através do casamento de D. Maria José de Mello Abreu Soares Vasconcelos Brito Barbosa e Palha – filha secundogénita dos 3<sup>os</sup> Condes de Murça – com o Primeiro Conde do Arnoso, Bernardo Pinheiro Correia de Melo. Nesse sentido, o edifício terá pertencido aos Condes do Arnoso, pelo menos até meados do século XX. Este poderá ter estado desabitado durante algum tempo, uma vez que existe uma intimação feita à Condessa do Arnoso, em 1927, para que a mesma executasse obras de limpeza e reparações no local. Posteriormente, o edifício foi alugado e nele instalaram-se

diversas oficinas, como a firma de Garrido Oliveira e a firma de Marcenaria de Eurico José Ferreira.

De referir que, em meados do século XX, o edifício parece ter sofrido algumas obras de remodelação, visíveis na documentação do Arquivo Municipal. As obras de maior dimensão são as realizadas por Eurico José Ferreira na sua oficina, que permitiram a ampliação do edifício até ao muro do logradouro.

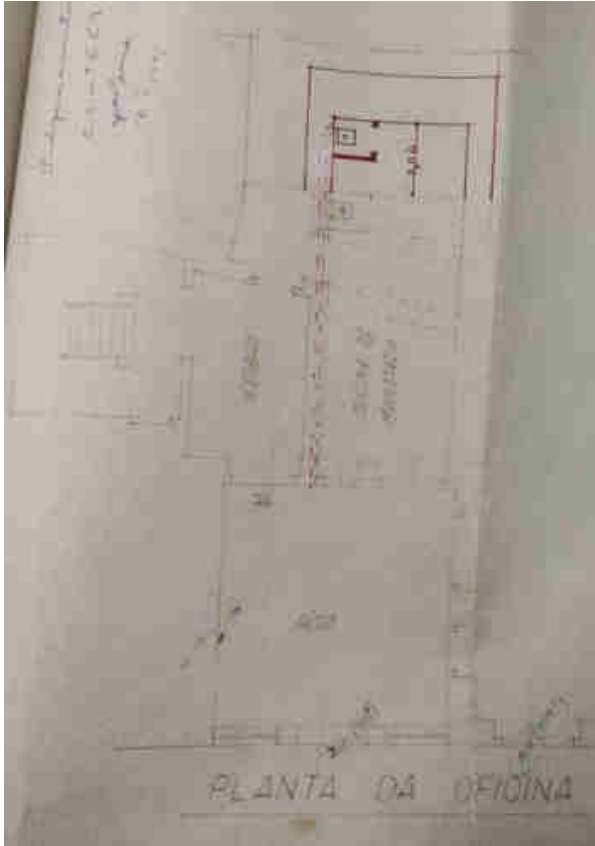


Figura 5 – Planta com as alterações feitas por Eurico José Ferreira (Arquivo Municipal de Lisboa).

Os dados aqui referidos demonstram bem como esta área se insere numa zona com uma malha urbana muito densa, pelo menos desde época medieval. O próprio espaço urbanizado preserva as marcas desta evolução e das diversas transformações que o mesmo foi sofrendo. Esta realidade faz com que haja uma evolução muito dinâmica no urbanismo, sendo que este vai muitas vezes sendo alterado à medida que os edifícios, por compra ou herança, vão mudando de proprietários. Isto é algo que se encontra muito patente nesta zona da encosta do Castelo, assim como no centro histórico de Lisboa.

## 2. Descrição dos contextos identificados

A realização do diagnóstico arqueológico neste local, permitiu identificar a sensibilidade arqueológica deste sítio e uma diacronia de ocupação, quase contínua, entre os séc. XI/XII e a atualidade. Perante a quantidade de informação que se ia recolhendo à medida que se executava o diagnóstico arqueológico foram-se adaptando os trabalhos arqueológicos.

Desta forma, para além do diagnóstico arqueológico inicial, e no âmbito do plano de minimização de impactes, todas as áreas a afetar pelo projeto de arquitetura foram objeto de trabalhos arqueológicos (tanto a nível de subsolo como parietal).

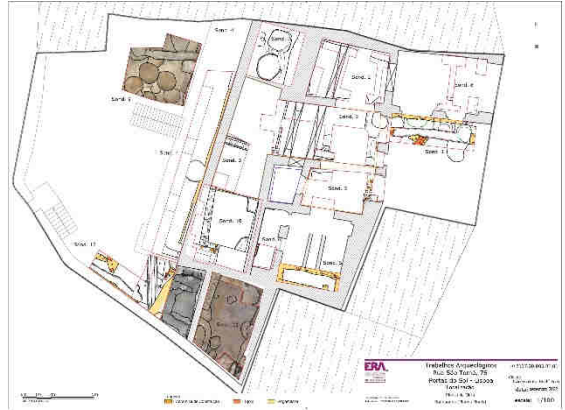


Figura 6 – Implantação das sondagens no edifício.

### 2.1 Os contextos de época medieval

As realidades mais antigas identificadas relacionam-se com a presença de diversas estruturas negativas escavadas no substrato rochoso e interpretadas como silos. De facto, em 5 sondagens (sondagens 1, 4, 7, 9 e 10), foi possível observar a presença destes contextos.

Os materiais arqueológicos identificados na maioria destas estruturas (sondagens 1, 7, 9 e 10), apontam o seu abandono para uma cronologia enquadrada entre os séc. XI e XII. De facto, os materiais recolhidos permitiram observar um repertório formal variado, com formas características do serviço doméstico islâmico, no qual a loiça de cozinha é habitualmente a mais abundante, integrando panelas, púcaros, caçoilas e frigideiras para ir ao lume, assim como taças e alguidares de vários tamanhos para preparar alimentos. Também foram recolhidas, tigelas e taças de diferentes dimensões, jarras/os, garrafas e bilhas (louça de servir); talhas e cântaros (recipientes de armazenagem) e fogareiros, candis e candeias, usados para cozinhar, aquecer e iluminar. Para além destes foram ainda registadas cerâmicas pintadas a branco, vidradas e alguns fragmentos de corda seca.

Se, por um lado, a presença dos silos se encontra já bem documentada em toda a colina do Castelo, por outro, a grande quantidade observada na sondagem 9, e o facto dos mesmos se encontrarem a cortar uns aos outros, denuncia não só a sua abertura sequencial, como demonstra a forte ocupação que todo este espaço teve durante a época medieval.

No que concerne aos silos identificados na sondagem 4, tendo em consideração os materiais arqueológicos associados ao seu momento de abandono, os mesmos parecem apresentar uma cronologia mais tardia, possivelmente entre os séc. XV-XVI.



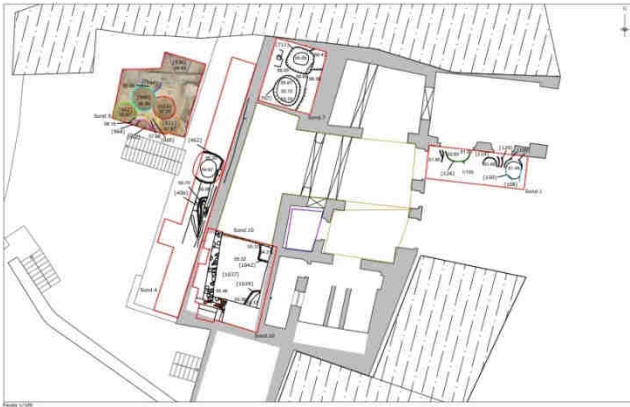


Figura 7 - Planta do edifício com a localização dos silos identificados.



Figura 9 - Plano Final da Sondagem 9 com a presença dos diversos silos.



Figura 8 - Materiais de época islâmica provenientes dos silos das sondagens 1, 7 e 9.



Figura 10 - Materiais do séc. XV/XVI provenientes do silo da sondagem 4.

## 2.2 Contextos de época moderna

As realidades de época moderna associam-se à presença de diversos contextos habitacionais identificados um pouco por toda a área intervencionada.

O nível habitacional mais antigo encontra-se na sondagem 11 e está cronologicamente balizado entre os finais da época medieval e os inícios de época moderna (séc. XV/XVI), correspondendo a dois muros em taipa e uma lareira. De referir que a datação atribuída a estes contextos apenas foi efetuada tendo em consideração o seu momento de abandono, ou seja, é possível perceber quando estas realidades deixaram de ser utilizadas, mas não o momento em que foram construídas.

Considerando o faseamento observado, é possível que os silos, cujo abandono é mais tardio, nomeadamente, os da sondagem 4, se encontrem relacionados com este primeiro nível habitacional.

De época moderna registaram-se diversas fases habitacionais, sendo de destacar a ocupação verificada na sondagem 11.

De facto, nesta sondagem, registou-se uma ocupação contínua de cariz habitacional, desde os séc. XV/XVI, ou anterior, até ao séc. XX, consubstanciada em 5 momentos distintos. Esta diversidade de fases de ocupação é visível na construção de novas paredes (que dividem áreas habitacionais maiores, como aconteceu aquando da construção da estrutura [1183]) e no recorrente alteamento de vãos e pavimentos.

É durante o séc. XVII que se assiste a um maior número de alterações neste espaço, ou pelo menos, do mesmo volume edificado.

Esta sondagem apresentou um elevado volume de informação, tanto a nível parietal como de subsolo, afigurando-se como uma espécie de “cápsula do tempo” para o estudo da evolução urbana e habitacional deste espaço. Nesta verificaram-se alterações que poderão estar relacionadas com modificações no próprio quarteirão. Um destes exemplos prende-se com a construção da parede [1183], que se encontra encostada ao vão mais antigo identificado [1171], indicando que a sua construção terá dividido um anterior espaço habitacional de maior dimensão.

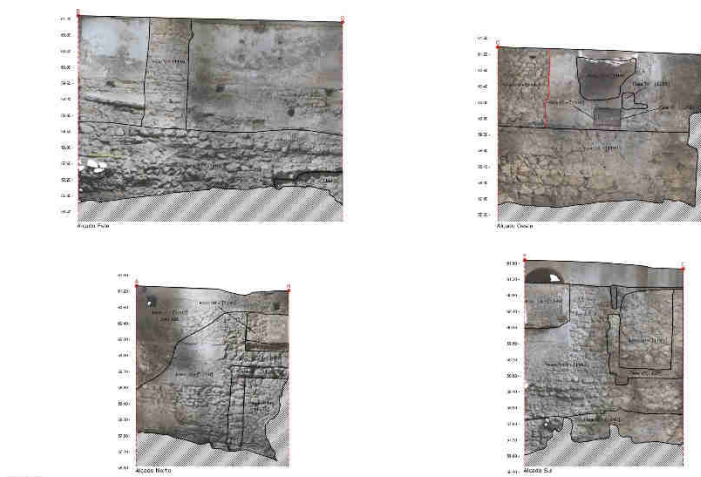


Figura 11 - Alçado das paredes da Sondagem 11 com os diversos faseamentos identificados.

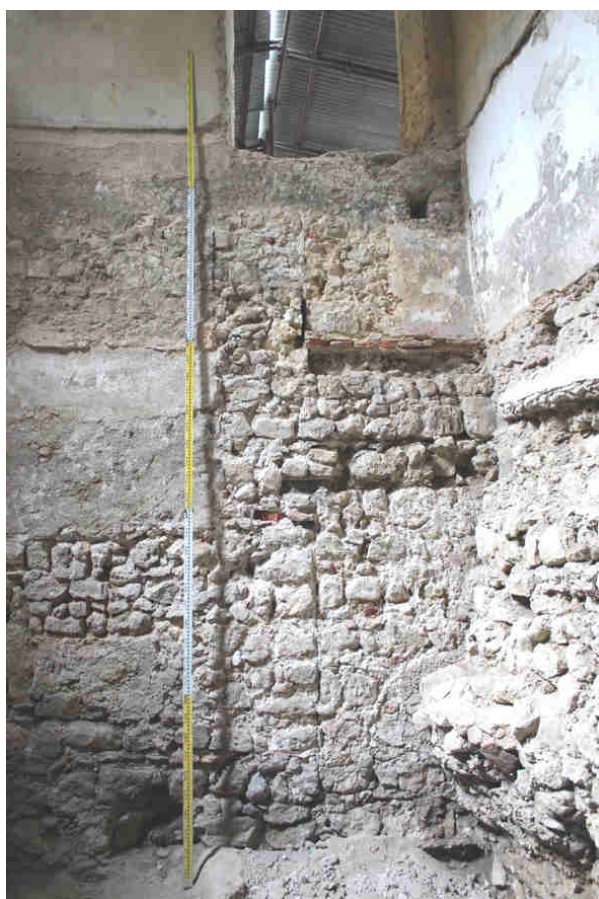


Figura 12 - Pormenor da parede [1183] a encostar ao [1171] e ao seu entaipamento [1172].

Refira-se que a cronologia das diferentes remodelações foi sendo obtida através da análise tipológico-funcional do material associado aos contextos. O conjunto artefactual aqui obtido apresenta-se bastante abrangente, com uma grande diversidade tipológica e formal.

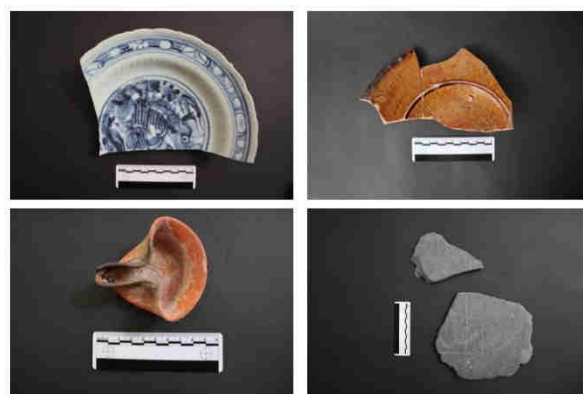


Figura 13 - Material de época moderna proveniente da Sondagem 11.



Figura 14 - Pormenor das estruturas habitacionais da Sondagem 10.

Se, por um lado, a realização destes trabalhos permitiu perceber alguns aspetos da dinâmica da evolução urbana em época moderna, por outro, lançaram dúvidas no que se relaciona com a sua ligação com as outras realidades habitacionais observadas no resto do espaço, nomeadamente com os contextos habitacionais das Sondagens 7 e 10. Possivelmente associadas a um outro volume edificado, observaram-se as estruturas [716] e [1007], assim como a calçada [1016].

Considerando que estes contextos se enquadram cronologicamente entre os séc. XVII – XVIII, e que associada



a esta cronologia foi possível verificar, na sondagem 11, a abertura de um vão para este espaço, poderá colocar-se a possibilidade destas realidades, a determinada altura, pertencerem ao mesmo volume edificado. No entanto, a diferença de cotas em cerca de 3 metros, entre estas realidades, parece remeter para unidades habitacionais distintas.

O acompanhamento das picagens das paredes permitiu compreender melhor os diversos momentos construtivos do espaço. Neste âmbito, aquando do acompanhamento do desmonte da parede Norte, verificou-se que a mesma apresentava alguns vãos entaipados. Esta realidade remete para que a utilização desses vãos seja anterior à construção do edifício vizinho. Cronologicamente, considerando os dados obtidos nas sondagens 7 e 10, é possível que estes contextos se associem a estas pré-existências e, portanto, à presença do volume edificado de época moderna.

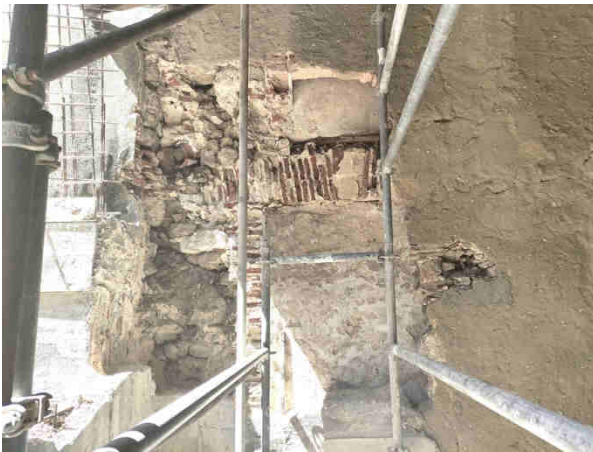


Figura 15 - Vãos entaipados de época moderna identificados na parede Norte.

Se os dados provenientes das sondagens de diagnóstico revelam a presença de diversos volumes edificados no espaço, a realização das sondagens parietais e do acompanhamento arqueológico corroboram esta dinâmica construtiva. Esta realidade associa-se ao facto deste espaço se encontrar inserido numa malha urbana muito densa, pelo menos a partir de finais de época medieval inícios de época moderna.

Dos finais de época moderna, inícios de época contemporânea, observaram-se contextos associados a um espaço ajardinado, nomeadamente nas sondagens 4, 9, 12 e 13. Os contextos de jardim relacionam-se com os diversos momentos habitacionais que se desenvolveram neste espaço.

### *2.3 Contextos de época contemporânea*

Os contextos de época contemporânea relacionam-se com o atual volume edificado, com uma cronologia enquadrada no séc. XIX, mandado reedificar pelo Conde de Murça. O mesmo foi sofrendo diversas alterações ao longo do tempo, sendo de destacar o acréscimo de um outro volume edificado que tinha

o tardo virado para a Rua de São Tomé e as alterações executadas no séc. XX, visíveis, essencialmente, nas realidades do patamar inferior do edifício.

Neste sentido, e segundo os dados obtidos nas sondagens parietais e no acompanhamento arqueológico, verificou-se que, em algum momento entre os séc. XIX e XX, procedeu-se a uma remodelação do edifício, nomeadamente à sua ampliação, reaproveitando um edifício que existia ao lado. Por algum motivo, aquando da ocupação deste espaço não procederam ao arranjo do tardo que se encontrava virado para a rua. Estes dados são visíveis na própria cartografia e plantas analisadas no Arquivo Municipal de Lisboa.

A construção do edifício do séc. XIX e das realidades do séc. XX veio transformar, de forma generalizada, o espaço aqui em análise, afetando de forma genérica os contextos anteriores, nomeadamente, os silos de época medieval e os restantes volumes edificados.

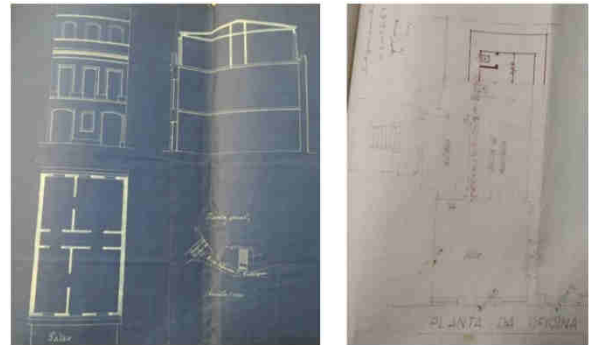


Figura 16 - Plantas com as obras no edifício. À esquerda: planta de 1891 associada à construção das mansardas por parte do Conde do Arnoso. À direita: planta associada às obras de Eurico José Ferreira.



Figura 17 - Fotografia do edificado em 1961 (Arquivo Municipal de Lisboa).

## **3. Considerações Finais e linhas de investigação futuras**

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos permitiram perceber que toda esta zona foi alvo de uma intensa

ocupação, englobando uma extensa diacronia de utilização do espaço, embora nem sempre contínua, entre os séc. XI-XII e o séc. XXI.

Pretende-se com o presente artigo a apresentação do sítio e das suas diversas fases de ocupação, fazendo uma análise diacrónica do mesmo e revelando assim a intensa ocupação que esta zona da cidade manteve ao longo dos tempos, assim como as diversas remodelações e alterações que todo este quarteirão foi sofrendo.

O sítio pode e deve ser analisado na íntegra, englobando a análise de todas as fases de ocupação deste local. No entanto, pode também ser estudado no âmbito de problemáticas específicas, contribuindo assim para uma análise mais aprofundada desta zona da cidade em determinados períodos cronológicos.

As futuras linhas de investigação a seguir relacionam-se com:

- O conhecimento da cidade, nomeadamente, do arrabalde oriental para o período que medeia os séc. XI/XII. Caso se realize uma abordagem comparativa entre os conhecimentos que há para o arrabalde ocidental e oriental, deve-se ter em conta que existe um maior volume informativo associado ao arrabalde ocidental. Desta forma, os contextos identificados na Rua de São Tomé apresentam-se como mais um dado que, associado à parca informação existente, nomeadamente os contextos da FRESS (GOMES, 2001), entre outros, é revelador desta ocupação.
- O desenvolvimento da evolução urbana nos inícios da modernidade, nomeadamente a partir do séc. XVI. O que terá motivado este desenvolvimento e as diferentes remodelações do edificado visíveis no contexto arqueológico. Procurar, através do registo documental, associar nomes de indivíduos às diversas obras executadas nestes volumes edificados e elaborar uma reconstituição do quarteirão.
- No registo arqueológico, verifica-se um hiato temporal entre os séc. XII e XV. Considerando que a escavação realizada remete apenas para uma visão parcial do espaço, este hiato temporal pode ser aparente. No entanto, não se pode descartar a hipótese de, entre estes períodos, esta zona ter sofrido uma retração urbana. O que terá motivado esta retração?

## Bibliografia

ARAÚJO, Norberto de (1992) – *Peregrinações em Lisboa/ descritas por Norberto de Araújo e acompanhadas por Martins Barata*. Vol. III. Lisboa. Parceria A.M.: 1938-39.  
BARKER, P. (1989) – *Techniques of archaeological excavation*. 2 ed. [1ª Ed. 1977]. London. Batsford Book.  
BUGALHÃO, J.; GOMES, S.; SOUSA, M.J. (2007) – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos

Correiros e Mandarin Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10(1): 317-343.

BUGALHÃO, J.; SOUSA, M.J.; GOMES, A.S. (2004) – Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarin Chinês, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7(1): 575-643.

CARANDINI, A. (1997) – *Historias en la tierra. Manual de excavación arqueológica*. [1ª Ed. 1981]. Barcelona. Editorial Critica.

CATARINO, H. (1997/98) – O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados, Al-Ulya. *Revista do Arquivo Histórico de Loulé*. 3 volumes.

COELHO, C. et alii, (Grupo CIGA), (2014) – Vinte anos de cerâmica islâmica do Garb al-Andalus: ensaio cronotológico das formas abertas (II), *Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Aroche-Serpa: 685-696.

FERNANDES, I. C.; CARVALHO, A. (1993) – Arqueologia em Palmela, 1988/1992: *Catálogo da exposição. Palmela: Câmara Municipal de Palmela*.

GOMES, A.; SEQUEIRA, M.J. (2001) – Continuidades e descontinuidades na arquitectura doméstica do período islâmico e após a conquista da cidade de Lisboa: Escavações arqueológicas na Fundação Ricardo Espírito Santo. *Arqueologia Medieval*. 7: 103-110.

GOMES, A., et alii, (2001) – A cerâmica pintada de época medieval da alcáçova do Castelo de S. Jorge, GARB. *Sítios islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa. IPPAR: 119-164.

GÓMEZ MARTÍNEZ, S. et alii, (Grupo CIGA) (2019) – El servicio de mesa para líquidos en el Garb Al-Andalus: Jarras e Jarritas – Jarras e Bilhas. *Al-Kitab Juan Zozaya Stabel-Hansen*. Asociación Española de Arqueología Medieval. Madrid: 363-371

GÓMEZ MARTÍNEZ, S., (2002) – *Cerâmica em corda seca de Mértola*. Museu de Mértola. Campo Arqueológico de Mértola.

GONÇALVES, M.J. et alii, (Grupo CIGA) (2013) – Vinte anos de cerâmica islâmica do Garb al-Andalus: ensaio cronotológico das formas abertas (I). *Actas do VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Aroche-Serpa: 1025-1041.

HARRIS, E. (1991) – *Principios de Estratigrafia Arqueológica*, [1ª Ed. 1979]. Barcelona. Editorial Critica.

PIMENTA, J. (2007) – A importação de ânforas de preparados piscícolas em Olisipo (Séculos II-I a.C.). *Actas do Congresso Internacional de arqueologia, CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. BAR International Series 1696: 221-233.

SILVA, A.V. (1968) – *Dispersos*. Vol. I. Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa.

SILVA, A. V. (1987) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*. vol. I. 2ª edição.

SILVA, M. F. (2017) – *Mutação urbana na Lisboa Medieval: das Taifas a D. Dinis* – Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa.

TORRES, C. (1994) – Lisboa muçulmana. Um espaço urbano e o seu território. *Lisboa Subterrânea - Catálogo*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia. ed. Electa: 80-85.

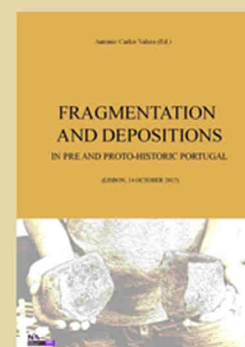
VIEGAS, C.; ARRUDA, A. M. (1999) – Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2: 105-186.

# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

## Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



## Publicação de workshops



## Série ERA Monográfica (2013 – 2022)



## Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

